

*Parte I*

Um velho Marinheiro encontra três Galantes a caminho de uma festa de Casamento e interrompe um deles.

É um velho Marinheiro  
E um dos três faz parar.  
«Por tua barba grisalha  
E por teu olhar brilhante,  
Por que me fazes parar?»

Está aberta a casa do noivo,  
Que é meu familiar;  
Os convivas já cá estão,  
Está preparada a função:  
Ouve-os a celebrar.»

Prende-o com mão macilenta,  
«Houve um barco», diz-lhe então.  
«Larga-me já, velho tonto!»  
E retirou logo a mão.

O Convidado do Casamento é enfeitiçado pelo olhar do velho homem do mar e constrangido a ouvir a sua história.

Prende-o com o brilho dos olhos —  
E o Convidado quedou  
Com atenção de criança:  
O Marinheiro mandou.

Assentou-se o Convidado:  
Só pode escolher ouvir;  
E assim falou o ancião,  
Com o olhar a reluzir:

«Houve saúdes ao barco  
Quando deixámos o porto;  
Vogámos com alegria:  
Ficava a igreja no alto,  
No alto o farol se via.

O Marinheiro  
conta como o  
barco navegou  
para sul com  
bons ventos e  
tempo bonanço-  
so, até chegar ao  
Equador.

Nascia o Sol pela esquerda,  
No mar de onde saía!  
Brilhava, e à direita  
No mar de novo caía.

Cada vez ia mais alto,  
Até ficar a direito  
Sobre o mastro ao meio-dia —»  
E aqui o Convidado  
Bateu com a mão no peito  
Pois já o fagote ouvia.

O Convidado ou-  
ve a música nup-  
cial; mas o Mari-  
nheiro continua a  
sua história.

Vermelha como uma rosa  
Entra a noiva no salão;  
Vão os menestréis à frente  
A saudar a multidão.

O Convidado que vinha  
À festa do Casamento  
Bateu com a mão no peito;  
Mas apesar do lamento  
Só pode escolher ouvir;  
E o ancião prosseguiu,  
Com o olhar a reluzir.

O barco é levado  
para o Pólo Sul  
por uma tempestade.

«Veio então a TEMPESTADE  
Que foi potente e cruel:  
A golpes das suas asas  
Empurrou-nos rumo ao sul.

Com os mastros inclinados  
E a proa a pender para o mar,  
Como aquele que perseguido  
Baixa a cabeça a fugir  
Na sombra do inimigo,  
O barco ia sendo levado  
Pelo temporal desabrido  
Sempre para sul sem parar.

Vieram nevoeiro e neve,  
E um frio de pasmar:  
Alto que ao mastro chegava,  
Tão verde como a esmeralda,  
O gelo vinha a vogar.

A terra do gelo e  
de sons medonhos,  
onde não se via nenhum  
ser vivo.

E dos penhascos de neve  
Entre os gelos à deriva  
Vinha um resplendor funesto:  
Não se via forma viva —  
Era só gelo o que havia.

Gelo aqui, gelo acolá,  
Tudo gelo em derredor:  
A rebentar e a rugir,  
A ribombar e a bramir,  
Como os estrondos ouvidos  
Quando se está a desmaiar!

Até que uma grande ave marinha, chamada Albatroz, veio pela bruma da neve e foi recebida com grande alegria e hospitalidade.

E eis que o Albatroz mostra ser uma ave de bom augúrio e segue o barco no seu regresso para norte através da bruma e dos gelos flutuantes.

O velho Marinheiro quebra a hospitalidade e mata a ave benigna e de bom augúrio.

Veio então um Albatroz,  
Pelo meio da cerração;  
E por Deus nós o saudámos,  
Como à alma de um cristão.

Comeu o que nunca comera,  
E em redor de nós voou.  
Num trovão abriu-se o gelo,  
E o timoneiro passou!

Levantou-se um vento sul;  
Seguia-nos o Albatroz,  
Que por fome ou por folia  
Dia após dia acorria  
À chamada de um de nós!

Com nevoeiro ou com nuvens,  
Fosse na enxárcia ou no mastro,  
Por nove vésperas seguidas  
Veio o Albatroz poisar:  
À noite na névoa branca  
Brilhava o branco luar.

«Deus te livre, Marinheiro!  
Que demónio te apoquentá  
De maneira tão feroz? —  
Que tens tu?» — Com uma seta  
Eu matei o ALBATROZ.

*Parte II*

Subia o Sol à direita  
No mar de onde saía,  
Por trás da névoa, e à esquerda,  
No mar de novo caía.

Do Sul vinha ainda o bom vento,  
Mas terna ave não havia,  
Nem dia a dia acorria  
À chamada de um de nós,  
Ou por fome ou por folia!

Os companheiros  
de bordo do ve-  
lho Marinheiro  
clamam contra  
ele, por ter mata-  
do a ave da boa  
sorte.

E era medonho o meu feito,  
E ia a todos desgraçar:  
Mataste a ave, disseram,  
Que dava a brisa do mar.  
Ah maldito! Tu a mataste,  
Que dava a brisa do mar!

Mas quando a  
bruma clareou  
acharam justo o  
seu acto e assim  
se tornaram

Nem baço nem em rubor,  
Tal como a frente de Deus  
Nasceu o Sol em esplendor:  
Mataste a ave, disseram,